

# UM QUILOMBO URBANO CHAMADO RUA NOVA

Flávia Santana Santos

ILUSTRAÇÃO

Eduardo Matheus Xavier

Flávia Santana Santos





# U<sub>M</sub> QUILOMBO URBANO CHAMADO RUA NOVA

Flávia Santana Santos

ILUSTRAÇÃO  
Eduardo Matheus Xavier  
Flávia Santana Santos

FUNDAMENTAL II - Anos Finais



CACHOEIRA - BA  
2016

*Capa*

Flávia Santana Santos

*Projeto gráfico e diagramação*

Flávia Santana Santos

*Ilustração*

Eduardo Matheus Xavier e Flávia Santana Santos

*Revisão*

Elaine Gonçalves dos Santos

Esse livro foi desenvolvido como produto do Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas sob a orientação do Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Emanuel Luís Roque Soares e co-orientação do Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Antônio Liberac Cardoso Simões Pires.

A pesquisa na qual se desenvolveu o livro teve apoio da FAPESB –  
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia.

*À D. Pomba (in memoriam),  
pelo seu ato generoso.*

*À mainba por ter me ensinado a contar histórias.*

*À Alice, aquela que encheu minha casa de alegria.*

*Ao povo da Rua Nova.*





*Caros(as) alunos(as),*

*É com grande satisfação que apresento a vocês este livro paradidático, escrito para proporcionar uma leitura agradável e um passeio pela a história local. Um texto produzido para estimular a leitura e o conhecimento acerca da história da cidade, e em específico a do quilombo da Rua Nova – uma história contada e narrada do ponto vista da população negra.*

*O objetivo dessa produção paradidática é retratar a história de formação da Rua Nova – quilombo urbano –, que se passa nos meados da década de 1940, destacando seus aspectos, sociais e culturais como os elementos singulares. A narrativa deste livro é construída a partir das histórias dos sujeitos – moradores e testemunhas oculares da formação e transformação do lugar de onde vivem.*

*Com potencial educativo, essa produção possibilita a reflexão acerca da educação e a aprendizagem para além do formato escolar, valorizando o diálogo entre a comunidade e a Escola.*

*A autora.*





Quando o chuvisco começou a cair, Julieta gritou:

— Corre Aninha, vai pegar as roupas na cerca! Ôh meus Deus, Já tava toda seca! Que chuvisco traiçoeiro, viu?!

Do outro lado do tanque Zete olhou pro céu. — Deixa lá menina, é chuvisco pouco, coisa de nuvem passageira. — dito certo!

Quando Zete fechou a boca, o chuvisco parou. Às lavadeiras conheciam o tempo, sabiam quando era trovoadas, quando a chuva ia demorar. Passada a chuva, com pouca hora o sol apareceu novamente, nesse movimento do tempo à tarde ia caindo lentamente, e às lavadeiras que estavam no Tanque da Nação começavam a arrumar suas trouxas de roupas para retornar às suas casas.

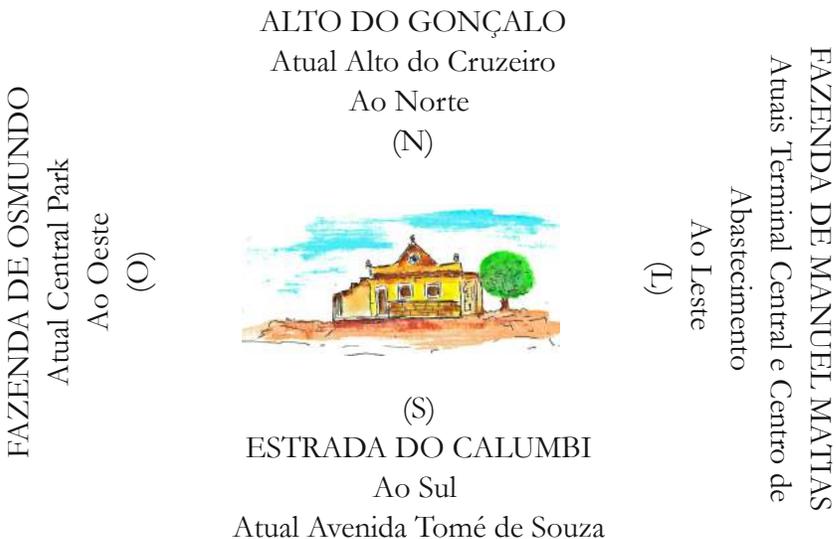
No centro da cidade o dia de serviço também terminava, e o povo ia descendo pela a ladeira da Nação para pegar a *Estrada do Calumbi*. Era gente como o quê! Na descida da ladeira às lavadeiras se juntavam com os carregadores, carroceiros, magarefes e feirantes que desciam “*da cidade*.” Parecia um cortejo pela a Estrada do Calumbi. Quem morava na fazenda São Gonçalo, propriedade da Senhora Ernestina Carneiro Ferreira de Almeida, popularmente chamada de Dona Pomba, andava pouco, logo chegava a casa. Sem cerca a fazenda São Gonçalo servia para quem morava no Barro Vermelho encurtar o caminho. Os que moravam na rua das Carroças e no Tanque do Urubu, ainda caminhavam um bom pedaço de estrada.

O Calumbi era lugar de passagem. Homens, mulheres e boiadas dividiam a mesma estrada, cada qual no seu passo, seu ritmo e destino. Mas também, era um lugar de morada. Naquela região viviam muitos trabalhadores, gente que vivia do trabalho informal. Um ou outro tinha uma carteira assinada, isso era bem raro! Comum mesmo era ver gente trabalhando nos pequenos serviços. Tinha pedreiro, pintor, marceneiro, escolhedor de fumo, carregador e carroceiro. As mulheres, grande parte eram lavadeiras e também, escolhedoras de fumo. Algumas se dividiam entre lavar roupas e tratar fato, outras vendiam mingau e acarajé na feira livre.

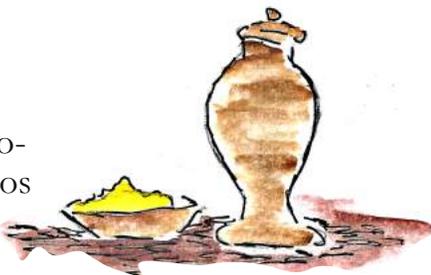
Esse povo negro mantinha dentro de si suas raízes, de lá saíam muitos tocadores, rezadeiras e sambadeiras. Se tinha muita novena, trezenas de Santo Antônio, rezas de Cosme e Damião e muito toque de candomblé. Era um povo religioso, sempre estavam presentes na festa de grande tradição da cidade de Feira de Santana, a festa de Nossa Senhora Santana, a

padroeira da cidade. A negrada além de molejo tinha alegria e sorriso no rosto. O povo sabia quando chegava àquelas carroças dos *aguadeiros* enfeitadas, trazendo um tom de felicidade. Todo mundo na folia! Não tinham outra, era o povo do Calumbi. Mesmo com muita gente torcendo o bico, eles não se importavam, pediam às bênçãos de Nossa Senhora Santana e seguiam se divertindo no festejo.

Mas fama mesmo, o Calumbi ganhou quando Ernestina Carneiro Ferreira de Almeida, apelidada como Dona Pomba, começou a doar pequenos pedaços de terra da sua propriedade, a Fazenda São Gonçalo, que ficava na região do Calumbi entre a fazenda de Manuel Matias e o Alto do Gonçalo. O casario fazia frente para a Estrada do Calumbi, e a outra parte da fazenda terminava lá na rua das Carroças, fazendo divisão com a fazenda de Osmundo.



**B**em antes de começar a doar pequenos pedaços de terra da sua fazenda, Dona Pomba já



abrigava muita gente em seu casario. Ela recebia muitas visitas, quase sempre tinha alguém papeando com ela na varanda.

Era muito comum ela dar abrigo para as pessoas que estavam de passagem por ali e não tinham onde passar a noite. Isso foi se tornando tão frequente, que ela decidiu construir pequenos quartos próximos ao casario para abrigar aos que chegassem. Às vezes era um vaqueiro que trazia a boiada para o campo do Gado; um lavrador que vinha de burro com suas mercadorias para vender na feira da Praça do comércio; ou alguém necessitado como a mãe de Ramália, que tinha por nome Ernestina Mota – mulher que teve uma vida sofrida e triste.

Fugida da cidade de Ruy Barbosa, Ernestina Mota trouxe consigo Ramália e sua outra filha. Na fuga veio parar em Feira de Santana. Chegando na cidade, foi tirar um sustento vendendo milho assado na feira livre. Seu serviço não parava por aí. No cair da tarde, quando chegava da feira, ia lavar as fardas dos guardas do Batalhão que ficava na Matriz. Chegava cansada e passava a noite toda lavando roupa. Malmente se alimentava. A comida que tinha dava para suas duas filhas pequenas.

Em pouco tempo Ernestina Mota adoeceu, a tuberculose a cada dia a deixava mais fraca, daí por diante não conseguia mais lavar roupa e nem ir à feira vender.

Um dia desceu a ladeira da Nação com uma trouxinha de roupa e as duas filhas ao lado. Sem destino e fadigada da caminhada, ela parou na fazenda. Quase sem força caminhou até a varanda do casario, em voz baixa pediu a Dona Pomba que tomasse conta de suas filhas. Sua justificativa era viagem que precisava fazer de sexta para sábado, dizia ser urgente. Solidária com aquela situação Dona Pomba levou Ernestina Mota até um dos quatinhos, depois pegou na mão das duas meninas e as levou para dar de comer no casario.

Ernestina Mota tinha viagem certa! Mas era para a eternidade. Sabia que o dia de sua morte se aproximava, pois, conhecia uma reza muito poderosa, o “Sonho de Nossa Senhora”. Os que tinham coragem e fé rezavam para quando sua morte se aproximasse Nossa Senhora viesse avisar.

Depois do falecimento de Ernestina Mota, Dona Pomba passou a criar as duas meninas como suas filhas, assim, como as outras crianças que já moravam com ela no casario.

Pouco tempo depois da morte de Ernestina Mota, apareceu outra mulher, essa estava grávida. Chegou pedindo dormida e logo se ofereceu para trabalhar na fazenda. Tinha por nome Satu. Mesmo com o peso da barriga não se recusa trabalho. Em pouco tempo começou a escolher fumo, ofício que fazia todos os dias.

Numa tarde de pouco sol, ela deu à luz a um menino que cresceu entre as jeremas, os calumbis e os velames da roça, caçando passarinho e tirando fruta do pé. Tinha o apelido de Babalu de Lulu. Era o menino de recado de Dona Pomba, onde ela mandasse ele ia...



**D**ona Pomba era acolhedora porque tinha consciência de que podia diminuir o sofrimento dessas pessoas, por isso, sempre ajudava a quem batesse a sua porta. Toda vez que ela ia ao centro da cidade via muita gente morando na rua, pedindo esmola na porta do mercado. Ao presenciar esse descaso, voltava para casa refletindo como ela podia ajudar as pessoas que passavam por aquela situação. Ela tinha tudo! Uma fazenda, empregados, comida todos os dias na mesa e não sabia o que era passar necessidade, mas se comovia com a situação daqueles que passavam.

Dona Pomba caminhava pela fazenda, fazia isso quase toda tarde. Nas subidas e descidas pelo terreno da sua propriedade, ela ia percebendo que o solo não era muito apropriado para fazer plantações. Nessas caminhadas começou a refletir sobre o que faria com àquela terra toda. Sua fazenda tinha pés de frutas, muito velame e muita jerema – plantas típicas do *sertão* que aguentavam sol forte, também tinham muitos lajedos que formavam pequenas presas, pois, acumulavam água da chuva.

Sentava para tomar fresca na varanda do casario e ficava pensando o que faria com aquelas terras. Sua resposta não custou a chegar.

Um certo dia, Marieta – uma das mulheres negras que lavava roupa no Tanque da Nação –, foi até o casario pedir ajuda a Dona Pomba. Com voz de choro Marieta começou a contar sua história:

— Eu tô aqui sem saber o que faço. Tô com três

meses de aluguel atrasado... hoje quando eu cheguei do tanque minhas coisas tava tudo na porta da rua. Seu Miguel me botou pra fora do quartinho... eu não quero morar na rua, me ajude, minha senhora!

Dona Pomba olhou para Marieta e disse calmamente:

— Se acalme, vamos resolver isso.

Da varanda gritou Ramália e pediu que fosse chamar Viriato, o caseiro da fazenda. Quando ele chegou, Dona Pomba disse: — Me faça um favor! Vá com Marieta medir um pedaço de terra. Olhando para Marieta foi falando: — Minha filha, pode escolher na direção que você quiser, agora preste atenção! Tem que ser no tamanho que você possa construir uma casinha boazinha pra morar.

Marieta se estatelou no choro e pediu a todos os santos que abençoasse Dona Pomba. Dizia em meio meio às lágrimas, que nunca faltasse paz e saúde na vida dela.

Dias depois Genésio e Dalvina, vizinhos de Marieta lá no Tanque do Urubu, foram até o casario saber de Dona Pomba se ela vendia o pedaço de terra para eles.

— Dona Pomba, Marieta chegou muito contente lá no Tanque do Urubu, dizendo que a senhora tinha dado um pedaço de terra a ela, foi verdade? Dona Pomba olhou para os dois e disse:

— Sim, mandei ela ir escolher um lugar, e Viriato foi medir o tamanho do terreno. Vocês também interesse?

Genésio rapidamente respondeu: — Temos sim, né Dalvina? Nós já temos um tempo juntando uns trocados pra comprar um canto, mas sempre desinteira

porque tem que pagar aluguel. A senhora confia em vender um terreno pra gente ir pagando aos poucos?

— Aceito sim! Vamos fazer um acordo, a venda do terreno vai ser pelo aforamento, vou te explicar como é: vocês vão me pagando por ano, aos poucos, tá bem? Porque eu sei que a pressa é construir a casinha de vocês.

Em pouco tempo a notícia de que Dona Pomba estava aforando suas terras já corria toda a cidade, e a cada dia ia chegando mais gente. Marina e Armando, vindos da região de Antônio Cardoso, logo se adiantaram. Moravam de aluguel em uma casinha no Sobradinho, e ao ficarem sabendo que Dona Pomba estava vendendo terrenos, juntaram seus trocados e foram até a fazenda fazer negócio. Assim mesmo, fez Zé Rios, descendente de judeus, que depois de ter morado em tantos bairros, por fim, conseguiu construir sua casa própria.

Com o aumento da procura por terrenos em sua fazenda, Dona Pomba tomou de mão um caderno no qual ela anotava a metragem do terreno, o nome do comprador, seguido do valor cobrado pelo aforamento. A decisão de Dona Pomba em repartir suas terras em terrenos, mudava a partir dali a vida de muita gente.

A fazenda dela representava uma mudança, e a possibilidade de viver uma vida digna. Mas para os comerciantes, fazendeiros e políticos, a ideia de ver uma fazenda tão próxima ao centro da cidade, se transformar em um lugar de negros e pobres, significava mostrar uma imagem da Feira de Santana que os ricos queriam esconder. Para eles aquilo lugar seria a imagem da pobreza e do atraso.

A ideia de Dona Pomba incomodava! Algumas pessoas consideradas de posses chegaram a visitar o

casario e sem muitos arroteios diziam que a fazenda ia acabar se transformando em uma favela. Esse era o assunto nos balcões dos armazéns, onde se dizia: “ter uma favela bem ali não é bom para a cidade.”

Logo a fazenda de Dona Pomba foi apelidada como lugar de nêgo. Ela não se importava, sabia que os negros eram pessoas de boa procedência, gente trabalhadora! Por isso, sentia que estava fazendo a coisa certa. Mesmo com muitos conhecidos, e até familiares discordando do seu ato generoso, ela seguia aforando e doando os terrenos. Sempre que alguém perguntava o porquê dela estar fazendo aquilo, com serenidade respondia: — Eu não preciso dessa terra toda para viver. Tem muita gente morando na rua, nos casebres dos becos, correndo o risco do teto desabar. Tem muita gente humilde sem poder comer para pagar aluguel, muita mãe e muito pai que malmente tem uma caneca de café para tomar e um pirão de farinha para comer quando chega em casa.

Mesmo contra o gosto de muita gente, o quilombo da Rua Nova ia se formando, e muitos chamavam de bairro de Pomba. Mas logo esse o nome mudou, pois, começaram a abrir duas novas ruas, uma ligava a estrada do Calumbi até o Barro Vermelho, dando acesso a Cajarana. A outra sai bem próximo aos fundos do casario.

Elas davam acesso à ladeira da Barroquinha, dessa forma, ficava mais fácil para os moradores, e pedestres entrarem e saírem da fazenda. Inclusive, era um novo caminho para ir e voltar do centro da cidade. Cada dia se tornava mais comum a passagem por ali, quem subia ou descia sempre dizia, “vamos pela rua nova.” Quem ia para o chafariz do Cruzeiro passava por lá, e os que iam

catar lenha no Sobradinho também. As ruas foram dando nome ao bairro, e assim, passou a se chamar quilombo da Rua Nova.

Nesse período Feira de Santana passava por grandes transformações. O centro da cidade ficava cada dia mais repleto de casas comerciais. A feira livre crescia e se espalhava pelas principais ruas do centro. A fama “da cidade do comércio” corria em todo sertão da Bahia, e na capital, São Salvador, o comentário que se fazia era de que Feira de Santana estava se tornando uma cidade moderna, com ruas largas, avenidas arborizadas e carros circulando nas ruas.

A fama da cidade fazia dela o lugar das oportunidades, tantos para os ricos fazendeiros que viam comercializar seu gado, como para os pobres que passavam por dificuldades em suas terras. Às secas empurravam o povo da roça para a cidade grande, como Tetina que aos dezessete anos veio para Feira de Santana, carregando consigo a esperança de um emprego e o conseguiu; com poucos dias morando no quilombo da Rua Nova, na casa de sua irmã Marina, ela começou a trabalhar de carteira assinada, no café Pinto, moinho localizado na Rua Sales Barbosa.

Mas nem sempre isso acontecia, mais comum era as pessoas fazerem pequenos biscates, que mal davam para se sustentar. Na desilusão com o sonho da morada na cidade grande, muitos acabaram morando nas ruas e se tornando mendigos. Muitas mães de família passavam o dia na feira pedindo de comer e a noite se encostavam com seus filhos pequenos nos passeios dos becos. Houve quem vivenciasse o sucesso nos negócios e multiplicação da riqueza, mas também, houve quem vivenciasse o desespero do desemprego, a falta de

moraradia e a fome.

Todos os caminhos levavam à Feira de Santana, e, por isso, a cidade recebeu gente de todo canto, principalmente dos *municípios* e *distritos* baianos como: Bonfim de Feira, Cachoeira, São Felix, Pedrão, Anguera, Santa Bárbara, Cruz das Almas, Santo Amaro, Ipecaetá, Conceição e Riachão do Jacuípe, Coração de Maria, Serra Preta e São Gonçalo dos Campos...

**S**eu Firmino era um desses que vieram tentar a vida na Princesa do Sertão. Vindo das bandas de Cachoeira, chegou à cidade pela *Central da Bahia* – estação ferroviária que ficava próximo a Igreja da Matriz. Depois de muita luta conseguiu comprar uma casinha no Tanque do Urubu – lugar que o povo dizia ser a senzala da cidade porque, assim como o Calumbi, tinha muito negro que morava por lá. Seu Firmino, homem negro e forte, além de carroceiro, sabia pintar uma casa e rebocar uma parede como ninguém, também, era carpinteiro dos bons!



O Tanque do Urubu era um dos quilombos urbanos mais antigos da cidade, assim como a Rua nova, a Queimadinha, as Baraúnas e Mangabeira, que foram os lugares de moradia mais procurados pelo povo negro e pobre que chegava a Feira de Santana. Esses eram os quilombos urbanos, onde estavam as pessoas semi-analfabetas que serviam como a mão de obra barata e sobreviviam de pequenos trabalhos, era o lugar que acolhia iam os que não tinha opção para morar.

**Município** – espaço territorial dividido em área urbana e rural administrado por uma prefeitura.

**Distrito** – espaço territorial que estão inseridas nas grandes áreas dos municípios.

**Estação Ferroviária Central da Bahia** - atual Feraguay.

A vida dos moradores desses quilombos urbanos sempre foi diferente da vida de quem morava nos casarios do centro da cidade, lugar das tradicionais famílias: Mota, Saback, Macedo, Rego, Boaventura, Bastos e mais um monte de nome que logo se sabia que era de gente de dinheiro. Eram os advogados, comerciantes e fazendeiros. Era gente que pelo nome se sabia o tamanho da riqueza!

Para os negros e pobres morar no centro, só se fosse nos casebres dos becos: do Mocó, da Esteira, do Seu Leôncio, do Amor, do Bom e Barato, que faziam ligação entre às Ruas Marechal Deodoro, Sales Barbosa, Conselheiro Franco e a Avenida Senhor dos Passos. Mas, a vida dos becos não era boa! As casas eram baixas e com muita umidade, também se convivia com muita sujeira, e ratos que se alimentavam dos restos de alimentos jogados pelas ruas nas quais, ficavam as barracas em dias de feira.

**N**o quilombo da Rua Nova sempre cabia mais um... cabia o vaqueiro, o carregador, a mãe solteira, a família grande que deixava a roça e vinha para a cidade, o povo do candomblé, os católicos, cabia os excluídos, toda gente que não tinha lugar, no quilombo urbano da Rua Nova encontrava morada. Em suas andanças pela feira livre Afonso ouviu falar desse novo quilombo que surgia na cidade...



Encorajado pelo desejo de comprar um terreno para construir sua casinha própria, já que vivia pagando o aluguel de uma casa que morava na Estação Nova, ele

veio até casario para fazer negócio com Dona Pomba. Gentilmente, chegou até a varanda e foi logo falando:

— Minha Senhora Ernestina Carneiro, eu tenho vontade de ter uma casa, mas não posso! Mas interesse eu tenho.

Depois de escutá-lo Dona Pomba disse:

— É, eu vou mandar medir cinco metros pra você. Afonso foi pagando de cinco, de dois mirréis, sempre honrava com o compromisso do aforamento. Anos depois, arrumando o barracão para a festa em louvor a Iansã, ele se emocionou ao embrar-se de tudo que passou para chegar naquele lugar. Depois de amarrar os *mariôs* na janela, sentou em uma cadeira e começou a contar para os *ogans* que estavam sentados. Em silêncio todos escutavam Afonso contar sua história:

— Nasci em Argoin. Com treze anos eu sair de casa, fui para Itaberaba. Rodei o sertão todo como se não bastasse viajei para Mato Grosso, e foi lá que um dia eu passando pela frente da Catedral, o “caboco” Sultão das Matas me pegou no meio da rua. Bem de frente pra catedral da cidade, oxe! Ele deixou a ordem que “eu tinha que vir pra Feira de Santana porque minha vida tava toda aqui e não lá em Mato Grosso”. Cheguei em Feira de Santana em 1953, tava louco! Vir pra cá colocar meu axé, mas não consegui. As coisas não davam certo, eu não parava em lugar nenhum. Morei em várias casas de aluguel, mas foi quando eu soube da notícia que tinha uma senhora aforando terreno, que aí aí as coisas começaram a andar na minha vida. Coisa de orixá! Não tardou que quando eu cheguei aqui logo consegui comprar meu terreno e coloquei meu axé. O lugar tinha que ser aqui, tão certo assim que um dia Iansã veio e pediu que chamasse Dona Pomba para dizer que: “Se um

dia ela vendesse a fazenda, que deixasse a roda da casa dela aí, que não era pra vender a rodinha da casa dela”.

A razão da vinda de Afonso foi espiritual. Não só as pessoas, mas, como também, os seres sagrados sabiam que a Rua Nova era um lugar bom! Que aqui se tornaria uma terra de gente de bem, uma terra cheia de axé, de alegria e luz!

Quem acompanhou o surgimento e o crescimento do quilombo, foi Mané Preto, ele conhecia a Rua Nova desde quando ainda era uma fazenda. Ainda adolescente, ele vinha de Bonfim de Feira com os vaqueiros. Sua função era tanger o boi de volta para a boiada quando ele se desgarrava. Achava aquele ofício divertido, entrava por dentro dos matos chegava sumir de tão pequeno, mas era esperto! Com o chicote na mão corria atrás do boi e sempre o trazia de volta.

Como de costume os vaqueiros iam fazendo paradas pelo caminho e quando chegavam à Estrada do Calumbi sempre subiam por dentro da fazenda de Dona Pomba e desciam pela pela Barroquinha. Era um meio de encurtar o caminho até o Campo do Gado.

Já rapaz Mané Preto começou a fazer pequenos serviços no centro da cidade e na fazenda. Em uma conversa, Dona Pomba lhe disse: — Porque você não procura o terreno por aqui? Eu peço para Viriato medir, e você constrói sua casinha. Sei que anda de namorico e daqui uns dias vai querer se casar. Para prevenir, construa logo seu canto, vá! Faça isso!

Mané Preto saiu procurando um lugar para marcar o terreno e nisso acabou descobrindo que sua tia Zilinha estava morando na fazenda. Feliz com a descoberta, mediu um terreno perto da casa da tia e lá construiu sua casa.

Logo fez amizade com Dona Ceceu uma negra robusta, nascida na Matinha dos Pretos. Ela andava sempre com um lenço na cabeça e sua conta de Iansã no pescoço. Era a sua marca. Dona Ceceu ganhava vida como feirante, sua barraca ficava na Rua Marechal Deodoro, e era parada certa do povo da Rua Nova. Ela fazia alegria de seus fregueses na feira, pois, tratava todos muito bem, sempre botava a quebra na sacola e dava um jeitinho em tudo. Quem tinha dinheiro pagava na hora e quem não tinha pagava depois!

Filha de Santo, tinha orgulho de dizer que era de candomblé e mais orgulho tinha em dizer que morava na Rua nova. À noite quando voltava da feira, sentava na frente da porta pra prostrar com as vizinhas, conhecia todo mundo, e, por isso, era sempre convidada para as rezas de São Cosme e São Damião e para cantar os benditos nas trezenas de Santo Antônio.

Ela gostava da vida de feirante, falava sorrindo com sua neta Joana.

— Meu prazer é subir pra cidade, chegar na feira armar minha barraca, comer meu beiju com coco... ai ai! Mas o que mais gosto é do cozido que Marlene faz, ave Maria! Pego aquela farinha torradinha que Pedro vende, jogo por cima. Depois eu boto umas pimentas e como de mão.

— Ôh vó, por que a senhora não me leva pra feira, só leva Mariana?

— Você tá muito pequena, quando tiver maior, vovó leva, viu?

A feira era um lugar de trabalho e lazer. Era imensa! Se espalhava pelas ruas do centro, pelo becos e ia formando uma imensidão de barracas. Eram tantas que se perdia de vista. Contar o tanto de gente vendendo e comprando era impossível, mas pelo tanto de pernas era coisa pra lá de mil e tanto. Naquela Avenida Senhor dos Passos não se via chão. Os camelôs ficavam vendendo roupas, na frente da igreja, tinha vestido, calça, roupa de criança e de adulto. A feira se dividia em outras feirinhas menores. As madeiras, tijolo, janelas e portas ficavam na Avenida Getúlio Vargas. Na Praça João Pedreira, de um lado ficavam as bananas, e do outro, carne do sol e o toucinho de porco. Quando descia para Marechal Deodoro, podia se encontrar os móveis, seguindo ficavam os peixes de sal, feijão, milho e arroz.



O que se procurasse, se achava na feira. Até areia para construção era possível se encontrar, era só descer que achava dois ou três com as carroças cheias. Tinha até olhador de animal. O povo arramava os animais, suas mulas, cavalos, tinha uma árvore enorme, e os bichos descansavam embaixo. Tudo gerava serviço, tinha gente que ganhava dinheiro dando de beber e comer aos bichos. Quatro horas da manhã já tinha animal na árvore.

Quem trabalhou durante muito tempo nisso foi Tadeu, filho de Carlitão magarefe, eles moravam no quilombo da Rua Nova, lá na Rua dos Apaches. Desde menino coisa de doze anos Tadeu já cuidava dos bichos

que ficavam na praça. Certo dia, Tadeu deixou os bichos amarrados na árvore e foi tomar um caldo de cana, na barraca de Germano. A feira estava formigando de gente, misericórdia! Para passar tinha que ter paciência e molejo para sair se desviando das sacolas, dos carros de mão, e de tudo que deixava o caminho mais estreito.

Tadeu conhecia a feira como a palma da sua mão, parecia que tinha um mapa daquele lugar. Mas aquele não era seu dia de sorte. Quando ele estava perto da encruzilhada da avenida Senhor dos Passos, ouviu uma gritaria, e o barulho de coisa quebrando... o povo correndo para um lado e para o outro, gente desesperada! Ele que não era besta, saiu cortando caminho pra se livrar do que ele nem sabia o que era, mas não teve muita sorte... depois de correr uns dois metros, tomou um susto que só acordou uma hora depois. Um boi que tinha se soltado da boiada invadiu a feira, pegou Tadeu pelas costelas e lhe arremessou lá longe! O boi saiu causando mais desgraça... era laranja, galinha voando, garrafa de cachaça quebrada, vasos de barro destruído. As abóboras de Dona Filhinha tudo rolando pelo chão... os vaqueiros vinham atrás do boi para laçar, fazia maior algazarra dentro feira, era uma confusão! De vez em quando acontecia isso.

O povo dizia que os vaqueiros soltavam os bois para se amostrarem, mas aquilo era maldade, sempre acontecia alguma coisa ruim. Soltava o bicho no meio do povo para apostar quem laçava mais bonito! Nessa agonia laçaram o boi e seguiram, eles não se importavam com o que tinha acontecido, seguiam viagem, rindo dos estragos e das *pantonias* que tinha feito.

Mas lá no meio da feira estava Tadeu caído desacordado, parecia que já tinha morrido, foi uma

gritaria e o povo dizia: — acode, o menino dos bichos morreu! — Vão chamar Carlitão — disse Gambiarra. Nesse tempo, socorreram Tadeu. A perna tinha quebrado, bateu a cabeça e quebrou uma costela, depois disso, ficou um bom tempo sem andar e se desgostou da feira. Nunca mais quis voltar para tomar conta dos bichos. Aleijado de uma perna não ia conseguir trabalhar na rapidez de antes. O que restava para Tadeu era um serviço que não fizesse muito esforço, e a saída dele foi estalar fumo com sua irmã Maria Rosa.

O povo do quilombo da Rua Nova deixava sua marca na feira, assim foi Marlene, que fez a cena do seu parto ficar na memória do povo. Como de costume na barraca de Marlene não faltava freguês, principalmente na segunda-feira que tinha mininico de carneiro, cozido com todo tipo de verdura, galinha de quintal e cuscuz com ensopado de carne de boi. Tudo comida forte, daquelas que era comendo e descendo o suor. Também para aguentar o tranco tinha que comer o que desse sustância.



Lola, fateira por profissão, todos os dias ia comprar sua comida na barraca de Marlene, amigas e vizinhas de longas datas, moravam na Rua do Açúcar, e todos os dias subiam juntas para o centro da cidade.

Era assim na feira que se espalhava na praça do comércio, todo mundo se conhecia, tinha família que trabalhava toda por lá, se via homem e mulher que foram criados de baixo das barracas, tirando cochilo nos

caixotes de maçã, e hoje também estavam trabalhando na feira.

Marlene ia trabalhar nas horas de parir, não gostava de ficar em casa, dizia isso toda vez que seguia para o centro da cidade na companhia de sua amiga.

Lola dizia pra ela: — “Mulé, esse menino vai nascer nessa feira.”

— Que nada! Eu vou ficar em casa fazendo o quê? Minha diversão é vender minha comida.

Os dias do seu parto se aproximava... numa quarta-feira estava todo mundo agoniado, um sobe e desce de mercadoria, daqui a pouco só se ouviu o grito:

— “Me acode gente! É hoje que o pote quebra... uai minha Nossa Senhora Santana, me socorre.

Lola saiu correndo e foi chamar Dona Carmem parteira, uma senhora bem velhinha que vendia folha na feira. Dona Carmem já chegou rezando pra nossa Senhora do Parto e lavando as mãos com sabão de coco.

Naquela agonia se abaixou e foi dizendo: — Abre as pernas minha filha, o menino tá coroando!

Ela foi encaixando uma mão na outra e rezando um bendito de nossa Senhora. A medicina do povo estava na fé nos santos e nas folhas, e era aos santos que naquele momento Dona Carmem parteira pedia para que tudo desse certo.

Marlene agachada fazia força, oxe! Com pouca hora a criança foi rebentando e saindo. Dona Carmem ia puxando devagar e a criança escorregando... foi uma coisa que ninguém conseguiu esquecer... Marlene pariu agachada em plena feira, oh mulher forte! Gemia de dor, mas gemia baixinho, o suor dela dava pra encher uma lata d’água, e os olhos estavam vermelhos que nem dois caroços de dendê. Mas ela era muito forte, teve parto

tranquilo. Dona Carmem parteira cortou o cordão umbilical e amarrou com um barbante. Nessa hora Dona Ceceu ia chegando e foi pegando o menino para dar banho. Enrolaram a criança e deram a Marlene, ela foi logo botando o menino no peito. A felicidade era tanta que chega soluçava de tanto chorar.

Passou o resguardo em casa, tomando chá de algodão, erva-doce. Não era tudo que podia comer... nem tudo que podia fazer! Não varria casa e nem pegava peso. Sua mãe, Dona Lindaura, ajudava em tudo. Assim ela cumpria o resguardo certinho. Era o costume da família, sua mãe fez e agora era ela. Todo cuidado para que depois não ficasse com problemas no útero. As mulheres sabiam cuidar umas das outras, principalmente quando se falava de parto, tanto a criança como a mãe recebiam cuidados especiais dos familiares. Esse processo era muito importante para recuperação da mulher.

Esse cuidado das mulheres se estendia pelo quilombo, as rezadeiras cuidavam da saúde de muita gente. O que não faltava eram quintais com folhas de chá: erva-cidreira, alumã, quiô-iô, capim santo, quebra-pedra, sabugueiro e tapete de oxalá. Uma arruda para o mal olhado, tira teima e espada de Ogum. Tinha as folhas para dente inflamado, boticudo e aroeira.

Tetina tinha uma variedade de folhas no seu quintal, trouxe esse costume da roça, aprendido com sua mãe Jesuína. Bastava um filho adoecer que ela fazia logo um chá. E se o caso fosse de reza, não lhe faltava as palavras benditas, para livrá-lo de todo mal amém.

Essas mulheres tinham fé nas folhas e fé nos santos, quase sempre se tinha um rosário de Bom Jesus da Lapa ou quadro do Sagrado Coração de Jesus

pendurado na sala de casa. Tinham as ervaíras, as que apenas conheciam as folhas, essas ensinavam as pessoas a fazerem chá, garrafadas e todo tipo de remédio com as plantas medicinais. Também tinham àquelas que na base da reza curavam os males do corpo e da alma. Foi assim por muito tempo, a medicina do povo estava na sabedoria passada de mãe para filha.

Dona Nieta, sergipana arretada, além de rezadeira era parteira das boas. Já tinha perdido as contas de quantos partos tinha feito. Ela falava rindo. — Minha Nossa Senhora, esses meninos só inventam de nascer, ou meia noite, ou na madrugada. quando eu sei que tem mulé perto de pari, eu já fico no sono leve porque qualquer hora um vem me gritar. Bete mesmo tá na hora, a barriga já baixou... só tá esperando dar a dor.

**E**xistiam muitas figuras no quilombo da Rua Nova, mas uma que se destacava era Belmiro vaqueiro, morava na Aníbal Tavares. Quando seu filho nasceu, ele tinha viajado para buscar uma boiada. Antes de ir tinha combinado com Marlene que o menino se chamaria Lucas.



Quando ele chegou foi uma alegria só! Da porta gritava o nome do filho, Lucas! Pegou o menino no colo, naquele instante o homem bruto, enchia o coração de ternura.

Para comemorar o nascimento da criança e não perder o costume, foi pra venda de João de Brito tomar uma cachaça.

— João de Brito bota um erva-doce pra mim.

— deu um tapa no balcão! — Meu menino nasceu!

— Oxe, tô sabendo, como é o nome mesmo?

— Lucas.

— Lucas, nome do apóstolo de Jesus?

— Não, João de Brito. Escolhi esse nome por causa de *Lucas da Feira*. Ouvi muitas histórias sobre ele, negro retado! Não aceitou ser escravo e fugiu. Não teve outro homem mais esperto que Lucas aqui na Feira. A fama dele correu a Bahia toda!

— Rapaz, eu já ouvir falar dele mesmo, dizem que enforcaram ele lá no Campo da Gameleira.

— Foi isso mesmo, só pegaram ele por causa de traição, um cara que dizia ser amigo dele que armou uma emboscada. Falem o que quiser, mas Lucas da Feira tem meu eterno respeito!

— Tá certo, Belmiro. Você e Marlene tem o direito de botar o nome que quiser, o filho é de vocês.

A venda estava cheia, uns jogando sinuca, outros fumando um cigarro de fumo de corda. Mas quando Belmiro chegava todo mundo parava pra ouvir suas histórias. Ôh homem, para saber contar causos, viu? O povo perdia a hora ouvindo ele contar sobre as coisas que via nas estradas que passava com as boiadas.

Mas seu lugar preferido para contar suas histórias era o Campo do Gado. Todas às vezes que os vaqueiros se reuniam antes da pesagem do gado, ele puxava uma história... com seu cigarro de fumo de corda colado nos beiços, ele fazia todo mundo ficar em silêncio quando no susto! Começava contar:

— Essa Feira de Santana ficou conhecida no sertão da Bahia pela sua famosa feira de gado. A cidade que exportava gado para a Capital! Contam os mais antigos que a cidade de Feira de Santana tem esse nome



porque surgiu de uma feira que acontecia em frente à capela de Nossa Senhora Santana e a São Domingos, era uma capela que ficava dentro da fazenda Santana dos Olhos D'Água que pertencia ao casal Ana Brandoa e Domingos Barbosa; os vaqueiros ficavam espiando, e Belmiro continuava:

— Rapaz! Mas o impressionante mesmo é que os antigos contam que a história dessas terras vem de muito tempo, dizem que o Rei de Portugal mandou um tal de Peixoto Viegas para desbravar o sertão, o povo conta que foi ele quem fundou *São José das Itapororocas*, aí quando ele morreu, a família começou a vender as terras. Nisso, Ana Brandoa e Domingos Barbosa vieram da Villa de Cachoeira pra comprar um pedaço dessa terra, porque por lá corria a conversa que aqui era lugar de riqueza.

Um vaqueiro perguntou de lá: — como tu sabe dessas coisas tudo?!

Belmiro sempre esperto, ajeitou o chapéu na cabeça e respondeu: — Ôh cabra! Deixa eu terminar de contar a história para quando tu chegar em Minas Gerais tu contar para o povo de lá! Mas eu vou te dizer como é que eu sei disso tudo. Minha mãe morreu quando eu tinha três anos. Como meu pai vivia sertão adentro, e não tinha ninguém pra tomar conta de mim, ele me botou no cavalo e começou me levar pra todo canto. Eu cresci no lombo do cavalo. Com sete anos ele me deu uma mula, aprendi meu ofício de vaqueiro muito cedo, com quatorze anos eu tinha passado por mais de quarenta cidades. E todo lugar que eu parava, eu perguntava sobre a história do lugar. Quando meu pai sabia, ele contava, quando não, pedia a algum vaqueiro do lugar pra contar. Assim eu fui aprendendo a ouvi e a contar as histórias. E eu sei de tantas, que só capaz de passar três dias só

quando não, pedia a algum vaqueiro do lugar pra contar.

Assim eu fui aprendendo a ouvi e a contar as histórias. E eu sei de tantas, que sou capaz de passar três dias só contando as coisas que vi e ouvi, pra você. O vaqueiro que estava a esquerda de Belmiro disse:

—Vá caboco, termine sua história!

— Se acalme, eu vou continuar...

Belmiro se abaixou e com um cipó na mão fez um risco no chão, daí recomeçou: — Sim, segundo os mais velhos a fazenda Santana dos Olhos D'Água era ponto de parada dos vaqueiros que subiam para levar o gado pra Santo Amaro e pra Capital. Vocês tudo sabe onde fica, né?! Ali na estrada das boiadas, onde tinha um monte de aguada. Meu pai mesmo dizia que parava direto pra dá de beber e comer ao gado. Tinha gente que parava e dormia por lá, acendia uma fogueira e no dia seguinte seguia viagem, mas aí nessas paradas o povo começou a vender um gado hoje, trocar uma saca de feijão amanhã, aí foi indo... oxe! Disse que com pouco tempo já tinha gente na frente da capela vendendo na pedra, nessa brincadeira até animal de criação, galinha, porco, peru... carneiro já tava sendo vendido por ali. Menino, se a gente não contar ninguém vai saber que aquela feira enorme na praça do comércio surgiu por causa do gado!

Belmiro acendia o cigarro de fumo para encerrar a história, mas nunca dava um fim, sempre deixava o povo mais curioso...



**R**uas e becos iam surgindo conforme as casas iam sendo construídas. Nessa movimentação as histórias de vida iam se cruzando, e assim, cada um ia vivendo de acordo com seus costumes, era assim no modo de vestir, de comer, de festejar. As pessoas trocavam experiências de vida. O pernambucano Cinézio do doce gostava de ensinar para os vizinhos como se fazia carne de sol lá em sua terra. Era engraçado! Cada um tinha o seu jeito para fazer a carne, mas sempre ficavam apostando qual a carne era mais macia e saborosa. Nessas diferenças muitas semelhanças se encontraram, formando uma diversidade de saberes.

O quilombo da Rua Nova era o chão de gente trabalhadora, que sabia transformar o sofrimento em força para seguir a vida, não se podia parar! Era assim que Antonhe Fala Grossa dizia para seus amigos, quando se encontravam na venda de *Helena do Bode ou Nena* como os mais chegados a chamavam. Era o ponto de parada! Passavam a noite nas conversas, inclusive sobre a falta de dinheiro.

— A gente não pode parar, nem deixar o sol passar por cima! Quem vai dar de comer aos meninos?! Tem que acordar cedo e aprender os ofícios, não deu pra rebocar uma casa, aprendi a pintar, a trabalhar com encanação. Eu mesmo sou carpinteiro, mas esses dias eu tô me virando vendendo churrasquinho, mas quando

não me render mais uns trocados, eu vou procurar outro serviço... meter a mão na massa, eu não posso é ficar parado!

A vida no quilombo era muito simples, candeeiro a querosene e lata d'água na cabeça. O povo vivia como se vivia na roça, os hábitos ainda eram os mesmo da zona rural. Era assim a vida de Aninha, não tinha parentesco com a preguiça! O canto do galo já dizia a hora de levantar. Enquanto sua mãe subia para lavar roupa no Tanque da Nação, Aninha pegava sua lata, daquelas que vendiam manteiga no armazém, e subia até o Alto do Gonçalo, onde todos os dias pegava água, chovesse ou fizesse sol.

Aninha não tinha condições de comprar uma lata d'água, mas no quilombo da Rua Nova tinha quem pudesse comprar, e esses eram os fregueses de Zé Piaba um dos aguadeiros que moravam no por lá.

Na madrugada ele saía para encher os barris, e na alvorada caminhava lentamente pelas ruas e becos da Rua Nova anunciando:

*Olha água cristalina,  
que nem os olhos de menina,  
quem quiser pode vir,  
já está perto de acabar,  
olha a água, olha água,  
Zé Piaba vai passar!*

Zé Piaba tinha esse nome porque costumava pegar muitas piabas quando criança na roça onde nasceu lá em Mairi, criado no mato caçando passarinho, aprendeu a conhecer o tempo de chuva, tempo das folhas, aprendeu a conhecer a natureza. Veio para a

cidade homem feito. Largou o roçado em busca de trabalho na cidade grande. Tentou trabalhar de muita coisa, foi pedreiro, descarregou mercadoria na feira, mas foi se cansando até que comprou uma mula e começou a vender água. Se tornou um aguadeiro, e dos bons, sempre tinha água boa, pra vender... às cinco horas da manhã, com voz potente, saía cantando seus versos pelo quilombo da Rua Nova.

A água que ele vendia era água de beber, ia direto para o pote, nunca teve uma reclamação! Bom freguês sempre respeitoso, era bem tratado na casa onde chegava.

— Bom dia Seu Zé Piaba!

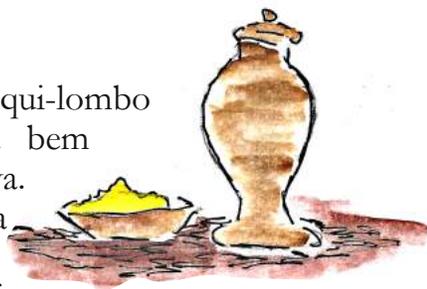
— Bom dia Dona Julieta! Trouxe pra senhora a água fresca cristalina, chega tá fria. Peguei lá no tanque de *Darinho*. Uma hora dessas nem cobra desce para tomar banho, o sereno já limpou a água, ela fica que nem água de coco.

Dona Julieta pegava as duas latas que ficava no canto da varanda e levava até seu Zé Piaba que após enchê-las levava até a cozinha, ali mesmo ela dava para ele uma caneca de café e algumas broas de milho. Sempre agradecido seu Zé Piaba pedia a todos os santos e a Nossa Senhora Santana que iluminasse a vida de Dona Julieta. — ela com um sorriso agradecia.

Zé Piaba seguia seu destino, cantando seus versos andava tudo quanto era canto, mas o lugar de parada dele era no Campo do Gado, onde jogava conversa fora com os vaqueiros, na volta pra casa passava por dentro da feira e comprava um pedaço de carne de sertão para fazer uma farofa, mas não se esquecia de tomar uma dose de erva-doce na barraca de Donana.



O movimento do qui-lombo da Rua Nova começava bem cedo, tivesse sol ou chuva. Quando chovia era uma lameira só.



Seu Cirene, que veio da cidade de Pedrão, ficava desesperado. — Na roça eu não passava esses apertos, oxe! Fico imaginando quando chove, para eu ir trabalhar no armazém, tenho que arregaçar a boca da calça até a canela, mas não tem jeito, sempre chego todo chuviscado de barro.

Ele morava na Rua Coelho Neto, onde tinha juntado muita terra por causa da construção da escola. Quando chovia aquela terra toda virava lama, mas o que seu Cirene passava era pouco diante do que aconteceu com Dona Margarida que morava na Rua da Canoa. Sem condições de comprar tijolos para construir, fez sua casa de adobe — mistura de barro e água —. Chamou uns conhecidos da rua para ajudá-la a levantar as paredes da casa. Nesse dia ela cozinhou uma panela de moco-fato para dar de comer ao pessoal, para depois que acabassem o serviço todos comessem.

Dona Margarida ficou muito feliz, enfim, ia poder morar em sua casa, mas essa alegria durou poucos meses. No mês de junho começou a cair umas chuvas. E era de costume toda vez que chovia a rua da Canoa alargar, o povo dizia que dava para andar de canoa, por isso, a rua tinha esse nome. Daí, uma dia terça-feira amanheceu chovendo, e foi assim o dia todo. A noite a chuva engrossou e as paredes da casa de Dona Margarida começaram a molhar pela parte de dentro.

Desesperada ela começou a tirar os móveis de dentro de casa, mas não deu tempo de tirar tudo. A casa desabou! No meio da madrugada Dona Margarida gritava de desespero sem saber o que iria fazer, seus vizinhos a consolavam, mas seu choro parecia não ter fim. As chuvas causaram prejuízos naquela noite, Dona Margarida e mais dezenas de pessoas perderam suas casas com o temporal que caiu durante horas. Esse acontecimento marcou o bairro, e depois desse incidente os moradores começaram a se manifestar, exigindo melhorias e atenção do governo municipal.

Na década de 1960 a área da fazenda já estava quase toda ocupada por casas, com isso, definitivamente se tornava um bairro suburbano, um quilombo urbano habitado por centenas de pessoas. Com isso, as necessidades do quilombo da Rua Nova se tornavam cada vez mais visíveis. Ter luz elétrica não era o suficiente, e os moradores começaram a perceber que tinha o direito de exigir que as necessidades básicas para a moradia fossem atendidas.

Assim, alguns moradores do quilombo da Rua Nova, e do Cruzeiro se juntaram e formaram uma associação chamada AACRN (Alto do Cruzeiro Rua Nova), a sede funcionava dentro do quilombo da Rua Nova e tinha Zé Pereira como presidente. Tinham aulas de capoeira com Mestre Muritiba, a diversão da meninada, também tinha alfabetização de jovens e adultos na qual se utilizava do método Paulo Freire. Muitas coisas começavam a ser pensadas para organizar e trazer melhorias ao bairro. Mas infelizmente, na *ditadura militar*, a associação foi invadida e fechada. Quebraram tudo, e algumas pessoas chegaram a ser espancadas. No desespero provocado pela repressão, Seu

Quebraram tudo, e algumas pessoas chegaram a ser espancadas. No desespero provocado pela repressão, Seu Zé Pereira foi passar uns tempos fora do quilombo, outras pessoas que também faziam parte da associação permaneceram na Rua Nova, passando a viver escondidos.

Nesse período estava sendo construída a Escola Ernestina Carneiro, que teve esse nome em homenagem a dona da fazenda, Dona Pomba. Nada mais justo, já que foi a mesma quem fez a doação do terreno. Também, depois disso mais nada! Os moradores continuavam sofrendo sem a coleta de lixo, com infestação de mosquitos e sem assistência médica.

Por muito tempo nada podia ser feito, nenhuma manifestação para reivindicar. O *Capelão* entrava no quilombo e parava quem tivesse caminhando pelas ruas. Zezinho, o marido de Tetina, direto chegava em casa comentado:

— Acabei de ser parado pelo Capelão, dessa vez me pediram para abrir a sacola de pão, olharam pra dentro! Sem encontrar nada que queriam, me mandaram ir para casa. — Isso acontecia qualquer hora do dia. As pessoas vivam com medo do que podiam acontecer, muitas sumiam sem deixar pistas.

Mas os moradores mesmo com medo da repressão, se organizavam as escondidas, faziam reuniões e pensavam juntos numa forma de melhorar as condições que viviam.

As tardes na varanda já não atraía mais Dona Pomba como antes, não porque ela queria, mas sim, por que o cansaço da velhice pesava seus dias. Os moradores sentiam falta daquela senhora de cabelo branco e voz calma, que sempre respondia a quem passe e a desejasse um bom tarde. Ela gostava de ver os meninos empinarem arraia no largo em frente da sua casa, mas



infelizmente, agora passava mais tempo no sofá da sala ou deitada em sua cama. Iaiá e as meninas, suas filhas de criação, cuidavam de fazer as comidas que ela gostava e como de costume sempre faziam seu chá da tarde, o qual ela gostava que fosse servido na sua xícara de louça bordada, que sua mãe tinha lhe dado de presente.

Na volta da feira, Dona Ceceu costumava passar no casario para visitá-la, já subia as escadas chamando por Dona Pomba, mas no dia em que passou para deixar umas frutas de presente, Ramália veio lhe receber com lágrimas nos olhos.

— Ôh Dona Ceceu, minha tia Pomba faleceu!

— O quê, menina? Tô acreditando nisso não... minha mãe Iansã! A Rua nova agora está sem mãe... pôs a mão na cabeça e começou a chorar!

Foi uma grande comoção, todos ficaram em luto, por muitos dias, pois, Dona Pomba era considerada pelos moradores como a mãe do quilombo da Rua

Nova. O que restava era guardar na lembrança a imagem de uma mulher bondosa, caridosa, que nunca mediu os esforços para ajudar alguém.

A preocupação que surgia era de como ficaria a situação dos aforamentos que ainda não tinha sido quitados. Esse era o assunto, era a conversa das vendas, da feirinha aos domingos. Em todo canto se comentava sobre a essa situação. Dona Pomba não teve filhos biológicos e o comentário que rolava pelas ruas do quilombo é de que Iaiá, sua filha de criação, seria a herdeira. Mas uma confusão estava por vir... Seu Pedrinho já tinha previsto isso.

— Olhe Cinézio, tu vai ver se não vai aparecer os parentes dela aqui, eles nunca foram a favor de Dona Pomba aforar essas terras.

— Oxe, disso eu tenho certeza Pedrinho! Aos olhos do povo de fora, aqui tem muito dinheiro envolvido, eles nunca engoliram a generosidade de Dona Pomba, mas vamos aguardar, para ver no que vai dar... é o jeito.

Não tardou e um sobrinho de Dona Pomba, conhecido como Zé Mota, começou a frequentar o quilombo. Em uma conversa com o pessoal da associação, comunicou que tinha entrado na justiça para ter direito às terras da fazenda.

— Se preparem, vou desapropriar todo mundo!

A partir desse comunicado, os membros da associação começaram a organizar reuniões com os moradores, passavam conversando de casa em casa explicando toda a situação.

— Precisamos nos unir, nós vamos ganhar essa causa. Tem gente que já vive aqui há mais de vinte anos, não tem condições da gente ser despejado. — Dizia seu

João Albuquerque.

Os membros da associação foram à procura de uma advogada famosa, chamada Ana Rita Lima Braga e contou toda a situação, a qual o bairro estava passando. Nessa conversa a advogada aceitou trabalhar na causa dos moradores que deviam seus aforamentos e os aconselhou que continuassem pagando em juízo.

Todas essas obras traziam mais visibilidade para o quilombo da Rua Nova que, a essas alturas já tinha a escola, o posto médico e uma praça com televisão comunitária. A ambição de Zé Mota não durou muito tempo. A cidade toda já conhecia o quilombo da Rua Nova, pelas escolas de samba, blocos afro que desfilavam na micareta, e pelos bares de reggae que existiam por aqui. Também pelos terreiros dos famosos pais e mães de santo: Licinho, Afonso, Helena do Bode e Mamãe Socorro. Mas, também, pelo rádio que se preocupava em passar apenas notícias que acabavam por criar uma imagem marginalizada do povo do quilombo da Rua Nova. Os moradores se sentiam mal com todos os comentários negativos, com tudo de ruim que era falado sobre o quilombo.

O preconceito era tanto que o radialista *Chico Caipira* chegou a apelidar o bairro como “Rua Nova dos Diabos”. Isso provocou uma revolta nos moradores, pois, eles tinham a consciência de que não eram a desgraça da cidade. Numa manhã, horário em que o programa era transmitido, alguns moradores foram até a rádio e pediram ao Chico Caipira que parasse de falar mal da Rua Nova porque ali morava gente de bem, mulheres e homens de caráter que ganhavam a vida dignamente.

Essas pessoas sabiam que o rádio tinha o poder

de divulgar qualquer coisa para toda a cidade, pois, era o meio de comunicação mais utilizado naquela época, poucas pessoas, tinham televisão em suas casas, era um eletrodoméstico muito caro. Diferente do rádio que por ser mais barato, quase todo mundo tinha um na estante.

Durante muito tempo o povo do quilombo da Rua Nova foi discriminado por conta desses comentários maldosos, os jovens não conseguiam arranjar trabalho, taxista não traziam as pessoas do centro da cidade até ao quilombo, diziam ter medo de serem assaltados.

Mas essa má fama não durou muito tempo, foi perdendo a importância. O quilombo se desenvolvia, e até transporte já circulava por algumas ruas. A Kombi chegava para facilitar a vida das pessoas que ia para o centro da cidade.

— **Z**ezé, vim espichar meu cabelo, amanhã tem reza de Cosme e Damião na casa de Preta.



— Eu também vou.

Preta veio me chamar. Pense numa pessoa que eu considero, não é à toa que já saio há tanto tempo no bloco dela.

Essa conversa ia até tarde, não faltava assunto até que o cabelo de Dona Ceceu fosse todo espichado.

Enquanto isso, na Praça da televisão o povo assistia a novela, “O Semideus”, protagonizada por Tarcízio Meira. Uns com os olhos atentos ao capítulo do dia, outros planejando sobre o que iriam fazer no fim de semana.

— Esse fim de semana eu vou pro Ali-Baba.

— disse Belmiro depois de chamar atenção de Filhinho, que logo em seguida lhe respondeu:

— Pra mim não vai dar, vou tocar na Euterpe, o baile lá vai ser bom, viu? E tu Pedro?

— Eu também vou pro Ali-Baba, já marquei com Gracinda, aquela coisa linda que vende quiabo lá na Marechal Deodoro.

Entre as risadas, os três continuavam a conversa falando sobre os acontecimentos que tinham ocorrido na feira. Belmiro sempre cheio de novidade foi logo contando:

— Aqui pra nós... aqui pra nós não, que isso não é mais segredo. Tãõ dizendo que a feira vai sair da praça do comércio, que vão construir um lugar para colocar os feirantes. Disse que o nome vai ser... Centro de Abastecimento. — Essa conversa é velha! — Filhinho sem acreditar na conversa de Belmiro.

— Rapaz, mas pensando bem, se isso for verdade, vai dar trabalho tirar o povo dali, viu?

**A** praça era onde as pessoas se encontravam, além de assistir televisão, aproveitavam para botar os papos em dias.

De dia as crianças jogavam bolas, brincavam de baleado, pulavam corda. Às seis da noite, o responsável por ligar a televisão chegava, abria a caixa e ligava a TV, ai o povo ia chegando com pouca hora a praça estava cheia, e nesse movimento ficava até às onze horas, horário em



que a televisão era desligada.

Tinha quem fosse a praça a noite, depois de um dia trabalho, mas tinha também, quem trabalhasse a noite... no cair da tarde o cheiro de dendê se espalhava pela Rua General Cordeiro de Farias, podia saber que era Pecília começando o seu ofício de baiana. Filha de Yemanjá, quando estava se arrumando a primeira coisa que fazia era por sua conta no pescoço. Vestia bata e saia, todas brancas, e por último amarrava seu ojá na cabeça. Saudava a porta e ia pro seu ponto vender seu acarajé.

No seu tabuleiro tinham abará, bolinho de estudante, passarinha frita, mas, o mais esperado era o acarajé. Esse era assado na hora. Num movimento rápido, ela batia a massa com a colher de pau, ajeitava o tamanho do bolinho e o mergulhava no dendê. Com calma virava de um por um, e quando a massa dourava, ele tirava cuidadosamente do tacho.

O freguês escolhia como queria... caruru, vatapá, camarão, salada e pimenta, ao gosto.

O povo passava, comprava, ou parava somente para bater um papo...

— Pecília, minha fia, vim saber se tu vai pra lotação. — Perguntava Dona Liu.

— Vou sim, oxente! Tenho que botar o presente nas águas.

— Vai levar as meninas?

— Só que vai comigo é Gil.

— Tá certo, vou guardar dois lugares. Bote um acarajé pra mim, com pimenta, viu? Não esqueça. Eu vou aqui em Sales saber se ela vai pra lotação. Já, já eu volto pra pegar.

Dona Liu era quem organizava as lotações para a praia, costumava viajar sempre para Madre de Deus, no trajeto, passava em Candeias, onde assistiam à missa. Pagavam suas promessas, enchiam as vasilhas de milagres e depois seguiam para tomar banho de mar. Era um dia muito esperado, cinco hora da manhã o ônibus estava na frente da porta, e o povo ia chegando aos poucos, quando carro ia sair já era quase oito. O povo ia cantando e rezando... “Salve rainha, mãe de misericórdia...” era um momento de fé! Em pé no corredor no ônibus, Dona Liu começava a cantar o hino ao Senhor do Bonfim.

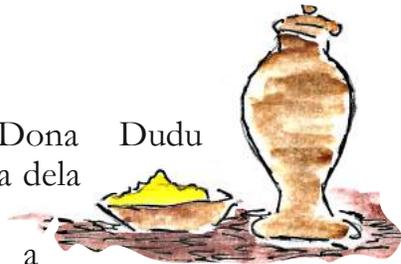
*Gloria a ti, neste dia de glória...*

O povo ia acompanhando baixinho. No refrão, o fervor da fé aumentava, e o volume do canto também.

*Nessa sagrada colina,  
mansão da misericórdia,  
dai-nos a graça divina,  
na justiça e na concórdia.*

Nesse canto sagrado a lotação seguia...

**N**a terça-feira, Dona Dudu acordou bem cedo, era o dia dela passar o *livro de ouro* no comércio. Nem esperava a com Kombi passar, subia de pé mesmo. Passava na feira,



na barraca dos mais chegados. Depois parava na frente do Moinho Café Pinto e esperava o povo passar. Era assinando e dando sua contribuição. De noite ia levar o livro na casa de Mamãe Socorro para prestar conta do que tinha arrecadado.

Dona Preta, Val Porrete e os demais que tinha suas escolas de sambas, bloco afro e afoxés também faziam a mesma coisa, era com livro de ouro que se juntava dinheiro para colocar os grupos na rua.

No período que antecedia a micareta, só se ouvia os batuques das percussões, era um sobe desce para assistir os ensaios. Eram menino, mulher e homem, todo mundo trabalhando nas fantasias, afinando os instrumentos, era uma alegria só.

Na Rua 5 de Maio quando dava de noite, Mamãe Socorro começava a chamar o povo:

— Bora minha gente o ensaio vai começar. O povo ia chegando aos poucos, cada um pegando seu instrumento. As mulheres iam se organizando em suas alas. A das baianas ficavam as senhoras mais velhas, as mais jovens na das assistidas. O mestre sala e a porta bandeira ficavam bem à frente. Mas quem chamava atenção mesmo era Costatino, um negro alto e forte, dava suas piruetas, e sambava muito bem, quase sempre vinha no carro de destaque.

Na Rua Platina, o samba que rolava era da Escola de Samba Império Feirense, a alegria dos moradores, seu presidente era Val Porrete, grande sambador, que foi porta-estandarte da escola de samba de Socorro. Por muito tempo ele foi o campeão do concurso de porta-estandarte que acontecia na frente do Mercado Municipal.

Não tinha para ninguém! Val Porrete honrava a fa-

ma de sambador e quando entrava na passarela do samba encantava todo mundo com sua malemolência e muito samba no pé.

A Império Feirense alternava os dias de ensaio com o bloco afro de Dona Preta, o Muzembela. Se ouvia de longe o som das percussões e os moradores de outras ruas vinham assistir ao espetáculo dos tambores.

O povo negro que morava no quilombo da de Rua Nova, e nos e nos demais bairros suburbanos, foram criando suas formas de brincar a micareta. Subiam para o centro da cidade levando seus cânticos, evocando seus ancestrais e mostrando para Feira de Santana a força da cultura negra que estava viva dentro dos bairros pobres. Como o povo sempre foi mais forte que a miséria e o preconceito, bastava chegar tempo de festa que cada um organizava sua escola de samba, seu afoxé, seu bloco afro e subia pra festejar.

Como Dona Dudu que não perdia uma lavagem do Cruzeiro, todo ano ela fazia uma roupa para desfilar. Quando chegava tempo da lavagem, Socorro, Helena do Bode, Afonso e Licinho ia se organizando, pois, à frente da charanga viam o povo de candomblé espalhando água de cheiro pelo caminho.

Dona Dudu se juntava com os vizinhos e varriam o calçamento, deixavam as ruas limpas para a lavagem passar. E quando se ouvia o som da charanga todo mundo saia pra ver.

Nos dias que se aproximava a festa de Nossa Senhora Santana, era outra organização. Mamãe Socorro ia separando as roupas, os colares, as saias rodadas, pulseiras e os panos de cabeça. Ela era responsável por dar início a Levagem da Lenha, ritual que se tornou tradicional na Festa de Santana.

No período em que a cidade ainda não tinha luz elétrica, os carroceiros levavam vários de feixes de lenha para a praça da matriz, que fossem armados as fogueiras que serviam para iluminar os festejos. Para o povo negro e pobre isso se tornou um ritual importante. Mesmo depois da instalação da iluminação pública, o povo que fazia a parte profana da festa, continuou a realizar a Levagem da Lenha. As pessoas enchiam as ruas em volta da igreja, quem vendia churrasquinho, maçã do amor, batida de tamarindo, todo mundo subia com seu carro de mão para ganhar um trocado. Mas o ponto de parada do pessoal era a esquina da Matriz onde Licinho colocava sua barraca de acarajé, uns para comprar, outros apenas para pedir a benção ao pai de santo.

Os moradores do quilombo não abriam mão de participar das festas tradicionais da cidade: Bando Anunciador, procissão de Santana Bárbara, Lavagem do Cruzeiro, Festa Nossa Senhora Santana e a Micareta.

O quilombo da Rua Nova foi criando fama de lugar de gente festeira, mas isso era porque as pessoas buscavam preservar suas raízes culturais e quase sempre tinha uma reza, um samba...

Quando surgiu o movimento do reggae na cidade, o quilombo da Rua Nova se tornou o lugar onde as pessoas iam curtir o som. O

Somzão, Brasão e Brasileirão, eram os bares que tinha discoteca. Os bailes onde a juventude ia dançar e paquerar nas matinês e a noite os adultos iam ouvir os vinis de reggae. Era a sensação! Aquele som contagiante



inspirou muitos meninos e meninas, e daí surgiu a Banda Gana organizada pelos jovens: Nilton, Beto Maravilha, Jorge de Angélica, Nunes Natureza Dionorina entre outros. Esses Jovens já tinha uma referência de musicalidade negra, devido aos sambas e candomblés que frequentavam.

O jovens da Banda Gana cresceram dentro das escolas de samba e blocos afro, foram construindo suas identidades negras, e aprendendo a desde cedo a reconhecer sua ancestralidade através das manifestações culturais do quilombo. Pouco tempo depois, os criadores da banda Gana, fundaram o *Afoxé* Pomba de Malê, que tinha esse nome por homenagem a Dona Pomba, e referência ao malês – negros que fizeram uma das maiores revoltas escrava na história do Brasil, a conhecida Revolta dos Malês que ocorreu em 1835 na cidade de Salvador .

Além do nome do afoxé significar uma homenagem a luta pela libertação do povo negro, ele representava reconhecimento da importante presença dos candomblés e de toda cultura negra vivenciada nos subúrbios de Feira de Santana. Esses jovens tiveram como referência os mais velhos que organizavam os grêmios recreativos como Escravodo Oriente, Muzembela, Império Feirense, a até mesmo os de outros quilombos urbanos, como Flor de Ijexá, Toriefan e Logunxé. Esses primeiros grupos por sua vez, já tinha referências aos antigos cordões carnavalescos às melindrosas, filhos do sol entre outros. Era uma continuidade, um tomando o outro com referência para preservação da cultura negra.

A juventude negra compreendia a importância de estar na maior festa de rua da cidade, a micareta.

Por isso, o afoxé era uma forma de representar a cultura do quilombo, mostrando que os negros tinham o direito e podiam brincar a micareta.

— A Rua nova é a terra do povo negro... é terra de negro. — dizia Dona Amália quando via todo mundo arrumado para desfilar na micareta. Ela botava a mão no coração em sinal de respeito e amor ao lugar que morava há tantos anos. Seus olhos enchiam de lágrimas ao falar da sua terra, do quilombo Rua Nova.

**E**m um caderno de folhas um pouco amareladas, Joana se preparava para fazer a atividade da escola. Nesse dia a professora de língua portuguesa, Eunice, pediu que seus alunos fizessem um texto falando sobre o quilombo. E que não esquecessem de dizer porque gostavam de viver ali.



Joana voltou para casa ansiosa para escrever. Já era quarta série, sabia ler, escrever e fazer as quatro operações. Saindo da escola, em seu caminho de volta para casa, observava as casas, e as pessoas. Tudo em sua voltar lhe servia de inspiração. Prestou atenção em Meiru, no lenço em sua cabeça, nas rugas de seu rosto e naquele cachimbo que pesava o beijo dela, soltando uma fumaça lenta e fina!

Quando chegou a casa foi correndo para quintal falar com sua avó, Dona Ceceu. Era terça-feira, dia que ela não botava barraca no Centro de Abastecimento.

— Vó, tu não sabe, a pró pediu para gente escrever um texto falando sobre o quilombo da Rua Nova.

— Foi mesmo minha fia. — Dona Ceceu que torcia

a roupa, parou... foi limpando a mão no avental e pegou na mão de Joana.

— Venha cá! Eu vou te mostrar uma coisa...

Foi até o guarda-roupa e pegou uma caixinha de madeira.

— Olha só, aqui é a foto de quando você e Mariana se batizaram lá na igreja Matriz.

— Vó! — Admirada em ver as fotografias.

Com a ponta dos dedos, Dona Ceceu foi dizendo o nome de cada um:

— Afonso, Pedro, Margarida, Maria Amália, Liu, seu padrinho Belmiro e sua madrinha Lola.

— Gostou minha fia? Por isso que é bom a gente guardar essas lembranças, assim nossa história nunca se apaga.

As duas se levantaram e Dona Ceceu foi colocar o almoço.

Ansiosa para começar escrever seu texto, Joana quase não almoçou direito, comeu e logo foi pegar o caderno para escrever. Nas primeiras linhas percebeu que não sabiam o suficiente sobre o quilombo. Lembrou que sua próxima aula de português seria na quinta-feira, logo daria tempo pesquisar algumas coisas e conseguiu escrever um bom texto. Levantou e foi até sua avó pedir que lhe contasse histórias sobre a Rua Nova. Dona Ceceu estava de cabeça baixa catando feijão, e de leve sussurrava uma cantiga...

*Doi, doi, doi, doi, doi,  
um amor faz sofrer,  
dois amor faz chorar...*

Da porta Joana escutava, tudo agora lhe chamava atenção, e foi logo perguntando:

— Vó, de quem é essa cantiga?

— De Seu Beira-Mar!

— Quem é Seu Beira-Mar?

— É um marujo, um encantado... ele foi marinheiro, viajou todos esses mares.

— Ah! Ele tava na festa daquele candomblé que tu me levou em Cachoeira, não foi?

— Isso mesmo, você se lembrou hein?!

— Vó, como surgiu o quilombo da Rua Nova?

— Eita! Você tá é curiosa esse dias, viu? Mas, vamos lá...

Joana sentou na esteira e em silêncio começou a escutar o que sua avó dizia. Passou a tarde toda ouvindo tudo que sua avó contava, achava maravilhoso uma senhora daquela idade se lembrar de tantas coisas. Ficava pensando que quando crescesse queria saber das coisas como sua avó sabia.

De noite foi para a pipoca de São Roque na casa de Pecília, e lá prestava atenção em tudo. Joana comia a pipoca com coco e mel, com as mãos lambuzadas, lambiam os dedos disfarçadamente e voltava a comer.

Descobria naquele momento um dos porquês dela gostar tanto do quilombo da Rua Nova...

No outro dia de tarde, sentou-se à mesa abriu o caderno e começou a pensar qual o título daria ao seu texto... pra se inspirar lembrava das pessoas que moravam ali. lembrou de Meiru e seu cachimbo, das senhoras negras que estavam presentes na pipoca de São Roque, rezando e puxando cantigas. Tudo lhe trazia inspiração depois das histórias que sua vó tinha lhe contado.

Com um lápis de ponta bem fina começou...

## O Quilombo da Rua Nova

*Há muito tempo atrás uma senhora, gente boa, chamada Ernestina Carneiro Ferreira de Almeida, começou a dar suas terras e a vender os terrenos bem baratinhos. Muita gente começou a construir suas casinhas aqui, cada dia tinha mais casas, e mais casas! Era gente de todo canto. Dessas cidades todas que ficam próximas a Feira de Santana. Até gente de Pernambuco veio morar aqui. Foi uma coisa rápida, em pouco tempo a fazenda, já não era mais uma fazenda. Era um quilombo e tinha nome, Rua Nova. O povo dizia que o quilombo passou a se chamar Rua Nova por causa de uma rua que abriu.*

*No começo aqui não tinha luz, nem calçamento. Os moradores tinha que buscar água no chafariz, era o povo subindo descendo com lata d'água na cabeça, mas, depois de um tempo as coisas foram melhorando, tinha até uma televisão que ficava na praça e todo mundo ia lá assistir à novela*

*No quilombo da Rua Nova tem muito negro, parece que todo mundo combinou pra vir morar aqui. Eu também sou negra, e minha vó me ensinou a gostar da minha cor, ela sempre diz que somos lindas, e o povo negro do quilombo da Rua Nova tem valor.*

*Eu gosto muito de morar aqui porque tem as rezas, carurus, e eu, minha irmã e minha vó saem no bloco de Dona Preta, o Muzembela. Aqui é bom! A gente brinca no meio da rua de macaco, pula corda, de sete pedras e os meninos jogam bola, brincam com o guiador. Os adultos ouvem reggae e saem no arrastão, eu ainda não posso ir porque sou criança, mas quando o arrastão passa a música que eu mais gosto é "pode morar, pode morar... já dizia velha pomba!"*

*Eu aprendi assistindo ensaio do Pomba de Malê na praça da Amorum. Eu quero morar aqui pra sempre porque aqui a gente é feliz e se diverte.*

*Assim eu termino minha história sobre o quilombo da Rua Nova, mais negro de Feira de Santana.*

*Fim*

## FONTES ORAIS:

Cirene Santiago (pedreiro e pescador) – Entrevista concedida dia 17/07/2014.

Tecla de Santana Araújo (costureira) – Entrevista concedida dia 22/09/2014.

Antônio Pereira da Silva (carpinteiro) – Entrevista concedida dia 06/10/2014.

Afonso de Queiroz (Babálorixá) – Entrevista concedida dia 28/10/2014

Maria de Lourdes Alves (Professora aposentada) – Entrevista concedida dia 06/04/2015.

José Ivonilton de Jesus Portela (Nilton Rasta – multi-instrumentista) – Entrevista concedida dia 10/04/2015.

Edvaldo de Oliveira Rios (Membro da AMORUN) - Entrevista concedida dia 27/12/2015.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

CAMPOS, Edson. O Processo de extinção da antiga feira livre de Feira de Santana e a construção do Centro de Abastecimento 1975- 1976. <https://bahia3ucsal.wordpress.com/temas/a-extincao-da-antiga-feira-livre-de-feira-de-santana-no-centro-da-cidade-1975> Acessado em: 19/01/2016

ANDRADE. Celeste Maria Pacheco de. As origens do Povoamento de Feira de Santana: um estudo de história colonial. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1990 .

BOAVENTURA, Eurico Alves, 1909-1974. A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana. Introdução, pesquisa,

organização e notas de Maria Eugenia Boaventura. – Feira de Santana: UEFS Editora, 2006.

BOURDIN, Alain. A questão local. Tradução de Orlando dos Santos Reis. Rios de Janeiro: DP&A, 2001.

CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra. Quilombo, território e geografia. *Agraria*, São Paulo, N° 3, pp. 156-171, 2006.

Damasceno, Karine Teixeira. Mal ou bem procedidas: cotidiano de transgressão das regras sociais e jurídicas em Feira de Santana, 1890-1920, Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, SP : [s. n.], 2011.

FAGUNDES, Erivaldo Neves. História e região: tópicos de história regional e local. In: Ponta de Lança, São Cristóvão v.1, n. 2, abr.-out. 2008.

FREITAS, Nacelice Barbosa. Urbanização em Feira de Santana: influência da industrialização (1970-1993). Dissertação – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (UFBA - 1997).

GALVÃO, Mons. Renato de Andrade. Os Povoadores da região de Feira de Santana. In: *Sitentibus*, Feira de Santana, n.1, p. 25-31, jul./dez. 1982.

JESUS, Maria Priscila dos Santos de. Educação e relações raciais: Um olhar sobre a educação de jovens e adultos no bairro da Rua Nova na cidade de Feira de Santana. (Dissertação de Mestrado) – UNEB - Departamento de Educação – Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Salvador, 2013.

MAGALHÃES, Antônio Ferreira de, SILVA, Aldo José Morais, OLIVEIRA, Clovis Frederico Ramaiana Morais. Histórias nas Lentes: Feira de Santana pelo olhar do fotógrafo Antônio Magalhães. – Feira de Santana: UEFS Editora, 2009.

MOTA, Fabricio. *Guerreir@s do terceiro mundo: identidades negras na música reggae*. Salvador: Pinaúna, 2012.

MUNIZ, Manuela da Silva. Em busca da experiência: paternalismo, lutas e autonomias dos trabalhadores feirenses (1977-1991). Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Feira de Santana, 2011.

NASCIMENTO, Flaviane Ribeiro. Viver por si: histórias de liberdade no agreste baiano oitocentista (Feira de Santana, 1850-1888). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. Feira de Santana em tempos de modernidade: olhares, imagens e práticas do cotidiano. (1950-1960). Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moares. De empório a Princesa do Sertão: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1819-1937). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

\_\_\_\_\_ “Canções da cidade amanhecendo”: memórias urbanas, silêncios e esquecimentos em Feira de Santana, 1920-1960. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília (UnB). Programa de Pós-Graduação em História. Brasília, 2011.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. “Adeptos da mandinga”: candomblés, curandeiros e repressão policial na Princesa do Sertão (Feira de Santana-BA, 1938-1970). Tese (Doutorado), Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2010.

OLIVEIRA, Maria Leny Souza. Feira de Santana no contexto da urbanização brasileira e a questão da moradia na favela. – Feira de Santana: UEFS Editora, 2014.

PINHO, Deise Karla Santana. ÊTA RUA NOVA DOS DIABOS! Representações sobre um bairro pobre na cidade de Feira de

Santana. (1970 a 1980). UEFS (Monografia – História), Feira de Santana, Bahia, 2010.

PINTO, Raymundo Antonio Carneiro. “Pequena história de Feira de Santana”. – Feira de Santana, 2ª edição – Fundação Senhor dos Passos, 2011.

POPPINO, Rollie E. Feira de Santana. Salvador, Itapoã, 1968.

SANTA BÁRBARA, Reginildes Rodrigues. O Caminho da Autonomia na Conquista da Dignidade: Sociabilidades e Conflitos entre Lavadeira em Feira de Santana - Bahia (1929-1964). Dissertação – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

SANTO, Sandra Medeiros. O desenvolvimento urbano em Feira de Santana (Ba). In: Sitientibus, Feira de Santana, n.28, p.9-20, jan/jun. 2003.

SANTOS, Cristiane Lima. Corpos modernos para espaços de negociação de honras – cidade, sujeitos femininos e concepções de modernidade e mocidade na Princesa do Sertão. Feira de Santana-Ba 1940-1960. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011.



*Este livro foi impresso em papel off-set 95g. No formato 16cmx22cm, 63 páginas.*